

Educadores Sociais: Quem são? O que fazem? Como desejam ser reconhecidos?

Joaquim Azevedo | Isabel Baptista

Mesa de Discussão: Maria Ferreira ¹ | Maria Guerra ² | Sofia Rodrigues ³ |
Fernanda Cachada ⁴ | Rui Amado ⁵

Resumo

O presente texto corresponde ao relato crítico de um debate em torno da «identidade profissional dos educadores sociais» que contou com a participação de três educadoras sociais, uma professora e um antropólogo, todos especializados em pedagogia social e colaboradores da Universidade Católica Portuguesa nesta área de investigação-acção. Tomando como referência empírica o universo experiencial de cada um dos participantes, pretendeu-se colocar em confronto – em diálogo – diferentes concepções e percepções sobre o contributo específico dos educadores sociais no seio das dinâmicas de intervenção sócio-educativa, numa perspectiva de explicitação e valorização da sua identidade profissional.

¹ Educadora Social, Equipa pedagógica do Projecto Raiz /Programa Escolhas

² Educadora Social, Equipa pedagógica de Centro de Dia/IPSS

³ Educadora Social, Equipa pedagógica do projecto Trofa Comunidade e Aprendentes (TCA)

⁴ Professora/ Coordenadora da rede de Mediadores TCA

Uma profissão qualificada de «social» deve poder dar um conteúdo preciso a este termo, sob pena de se ver privada de conteúdo funcional, balizada por fronteiras fluidas e com uma missão reduzida a nada.

Lia Sanicola, 1994

Introdução

Quem são os educadores sociais? Que valores e que competências balizam o seu espaço de autoridade pedagógica? Como é que os educadores sociais conceptualizam e verbalizam o seu exercício profissional? O que é que os distingue de outros técnicos com quem são chamados a constituir equipas de trabalho? Como são, ou desejam ser, profissionalmente reconhecidos?

Foram estas, no essencial, as questões que nortearam o diálogo desenvolvido neste pequeno grupo de discussão, composto por três educadoras sociais com experiências profissionais diferentes: mediação de aprendizagem e intervenção comunitária; mediação junto de famílias em risco; práticas de acolhimento social a idosos e contando ainda com o contributo de outros dois técnicos que desempenham tarefas de coordenação em dinâmicas protagonizadas por educadores sociais, estando, nessa medida, em posição de dar um testemunho privilegiado sobre a matéria em debate.

Tendo por base sessões presenciais, realizadas durante o mês de Janeiro de 2008 e intercaladas por acertos de comunicação feitos no chamado ciberespaço, o debate decorreu sob a moderação de Joaquim Azevedo e Isabel Baptista que assumiram também a difícil tarefa de relatores.

Enquanto intervenção sócio-pedagógica especificamente vocacionada para o trabalho de proximidade com pessoas e grupos humanos em situação de vulnerabilidade e exclusão social, a educação social constitui um dos domínios de investigação privilegiados pela Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, o que justifica o número de projectos de pesquisa científica realizados e em curso neste contexto investigativo tendo como objecto de estudo a realidade da educação social em Portugal, a maior parte dos quais da autoria de educadores sociais.

É, pois, para esses e para outros trabalhos académicos que remetemos no sentido de uma análise mais abrangente, aprofundada e rigorosa sobre os



problemas, desafios e dilemas que hoje se colocam no caminho da construção identitária dos educadores sociais, em especial no nosso país. O objectivo deste pequeno círculo de discussão não teve essa ambição, visando sobretudo abrir um espaço informal de «escuta atenta e activa» sobre as percepções desses mesmos investigadores-actores, na intenção de perceber de que forma é que eles sentem e conceptualizam os valores que caracterizam – que «enchem de carácter» – o seu «rosto profissional».

Assim, sem prejuízo do rigor conceptual exigido pela inserção deste tipo de narrativa numa publicação académica como a revista «Cadernos de Pedagogia Social», tentou-se ter em «devida conta» a riqueza das expressões pessoais, optando por um registo de escrita centrado nos testemunhos dos participantes e apresentados de acordo com a ordem discursiva seguida durante as sessões de debate. Pretendeu-se deste modo honrar o poder da linguagem enquanto estrutura de mediação normativa que, ao permitir inscrever o vivido na esfera do inter-humano, ajuda a instituir um mundo comum. É assim, afinal, que as coisas e as ideias adquirem «identidade», funcionando como «temas» ou conteúdos partilháveis no seio de um processo de construção de conhecimento racional.

Neste sentido, tentando enquadrar racionalmente os elementos de análise sem trair a memória dos «dizeres» que lhes deram origem, expomos as questões agrupando-as em três eixos de reflexão fundamentais: 1) profissão de educador social – uma identidade em construção; 2) prática profissional – problemas e desafios; 3) valorização e reconhecimento socioprofissional.

O texto termina com reflexões finais da inteira responsabilidade dos relatores e com recomendações de carácter bibliográfico.

1) Profissão Educador Social – uma identidade em construção

Para começar, gostávamos que nos falassem um pouco sobre como chegaram à profissão. Que caminhos e experiências de vida vos trouxeram até aos contextos laborais onde exercem actualmente? O que é que fazem? Onde? Como? Com quem?



Maria Guerra

Este é o meu primeiro «posto de trabalho» desde que me licenciiei há quatro anos, exactamente os mesmos que a instituição onde exerço tem de vida. Todavia, quando iniciei actividade foi como técnica da valência de tempos livres (ATL). Depois, com a alteração da política educacional no 1º Ciclo Ensino Básico e o começo da «escola a tempo inteiro», fizeram-me a proposta de iniciar um trabalho no Centro de Dia com a finalidade de humanizar esse espaço criando um lugar de proximidade especialmente dirigido à comunidade sénior, acompanhado de um projecto sócio-pedagógico próprio. Desafio que aceitei de imediato! ...

Maria Ferreira

O meu primeiro emprego foi num ATL. Depois fui contratada para um projecto de Apoio Familiar e Acompanhamento Parental – CAFAP, financiado pela Segurança Social e onde desempenhava funções de mediadora familiar. Actualmente, integro a equipa pedagógica de um projecto sócio-comunitário, o Projecto Raiz financiado pelo Programa Escolhas que tem como entidade promotora o Colégio Nossa Senhora do Rosário mas que envolve outras instituições em consórcio, como a Universidade Católica. Nesta equipa, cabe-me principalmente acompanhar as famílias dos jovens que constituem a «população-alvo» do projecto.

Sofia Rodrigues

No começo, em 2003, ano em que terminei a licenciatura em Educação Social, a minha experiência profissional desenvolveu-se no âmbito da acção social, em colaborações pontuais, com vínculos laborais muito precários ou mesmo numa base de voluntariado. Saliento aqui a experiência ligada a uma CPCJ, onde percebi o que significa trabalhar com jovens que vivem em estado de exclusão social, tentando fomentar mais integração e um novo sentido de cidadania. Fui muitas vezes à «casa» deles, à sua associação de moradores, tentando entender bem a sua situação e conhecer as pessoas que fazem parte da sua vida. Posso dizer que todos os dias, durante cerca de sete meses, vivenciei histórias de «horror humano», de violência e violação de direitos de crianças, seres desprovidos de defesas em relação aos comportamentos agressivos daqueles que lhes eram próximos e a quem, à partida, cabia o papel de protecção. Em Maio de

2005, quando estava a terminar a parte curricular do mestrado em Pedagogia Social, chamaram-me para uma dinâmica de trabalho comunitário no Concelho da Trofa – Trofa Comunidade de Aprendentes (TCA). Nunca antes teria imaginado, sequer, ter acesso a uma experiência destas. A minha vida mudou para sempre.

Obrigada por esta breve apresentação. Mas seria importante tentar especificar um pouco mais, talvez dando exemplos sobre o conteúdo funcional do vosso trabalho. O que é que, afinal de contas, faz a diferença da actuação do educador social?

Maria Guerra

Actualmente coordeno a equipa que trabalha na valência de Centro de Dia e as minhas funções centram-se em todas as tarefas inerentes a esta valência como a planificação, construção, implementação e avaliação do projecto pedagógico que inclui actividades de mediação familiar, institucional e comunitária, envolvendo unidades de saúde, instituições parceiras e autarquia.

Vejo o educador social como um profissional multifacetado que tem como objectivo, em qualquer contexto de trabalho, promover o desenvolvimento humano através da educação.

Sofia Rodrigues

Hoje sou «técnica TCA» com responsabilidade pela coordenação da rede de Voluntários e formadora/tutora de outras colegas, mas a actividade que exerci desde sempre neste projecto foi a de «mediadora de aprendizagem». A dinâmica TCA visa criar oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos os cidadãos do município, mobilizando as 8 freguesias da Trofa e apoiando-se num modelo de intervenção que articula sete redes sociais – instituições, mediadores, formadores voluntários, técnicos e centros de aprendizagem ou Centros TCA como lhes chamamos. Faço portanto equipa com muitas outras pessoas, de diferentes formações.

Como mediadora de aprendizagem com formação de educação social (porque há no projecto outros mediadores), a minha função é a de atender, escutar e orientar as pessoas que nos procuram para saber mais ou para descobrir algum caminho para a sua vida. Sobretudo aquelas que nem sabem dizer bem o que pretendem ou que se encontram sozinhas e pedem ajuda. Tem sido incrível



acompanhar a forma como tantas pessoas mudaram e ganharam ânimo. É o que estou a tentar estudar na minha tese de mestrado, esta ligação entre educação social, aprendizagem e desafios de vida.

Maria Ferreira

O educador social orienta a sua intervenção através da definição de um conjunto de acções de carácter sócio-pedagógico. Por outro lado, a «escuta» é o meio pelo qual o educador “sente” as pessoas permitindo-lhe colocar-se na óptica de quem vive o problema para que possam, juntos, assumir um compromisso, uma implicação no processo de construção de um “EU” e na elaboração de um projecto de vida. Ou seja, o educador social define-se através da mediação e pela forma como estabelece relações de proximidade com os educandos, olhando-os como pessoas únicas e com potencialidades, de modo a ajudar a produzir mudanças e a alterar comportamentos.

É isto essencialmente o que tento fazer junto das famílias que estão «ao meu cuidado» e que são, à partida, muito destruturadas. Quase todos os membros destas famílias, adultos e crianças, são abrangidos por outras intervenções. No nosso caso, tentamos ver a família como um todo, intervir junto de cada um dos seus elementos e ligar as redes de proximidade para maior apoio. Ou seja, a «mediação familiar» aqui não é para gerir conflitos mas para actuar na educação da família e das pessoas, discutindo modelos parentais e aproximando mais estes «encarregados de educação» das escolas que os jovens frequentam e ao mesmo tempo promover a formação deles próprios.

Proximidade com as pessoas e as comunidades, mediação, cooperação interprofissional e interinstitucional, parecem ser valores em evidência.

Mas o que dizem os outros, a Fernanda e o Rui? Tendo em conta a vossa experiência de convívio profissional com educadores sociais, o que pensam sobre o acaba de ser dito?

Rui Amado

Os educadores sociais abordam a realidade social numa perspectiva humanista, o que os faz ter um “olhar” completamente novo sobre as pessoas, sobre a sua cultura e contextos de vida específicos. Isto faz toda a diferença na forma como se encara o próprio conceito de trabalho social, as suas práticas e



valores. Eles desenvolvem o trabalho social a partir do lado positivo das pessoas e da crença plena na educabilidade do ser humano, através de uma prática profissional baseada numa relação de proximidade, no primado das relações afectivas, numa relação de igualdade entre técnico e pessoa.

Fernanda Cachada

O maior contributo dos educadores sociais, ou pelo menos aquele que eu tendo a valorizar mais, é a efectiva promoção da proximidade humana. A prática diária de olhar e estar com cada uma das pessoas de uma forma única é algo que, ainda hoje passados alguns anos de trabalho com os educadores sociais, me causa admiração. Mais do que fazer planificações, preencher e elaborar relatórios e diagnósticos, o que admiro nos educadores sociais é a disponibilidade para o encontro com outros seres humanos de um modo tão profissional e ao mesmo tempo tão intimista, é a mais-valia que vejo nos educadores sociais, pelo menos no TCA.

As vossas respostas são interessantes e muito expressivas das preocupações humanistas que partilham. Mas é justamente por isso que se impõem as seguintes perguntas: não acham que o objectivo de «promoção de proximidade humana» é comum a todos os educadores e, de uma forma geral, a todos os agentes de desenvolvimento humano?

Em que é que o domínio de competências relacionais define o conteúdo funcional da profissão de educador social?

Fernanda Cachada

Sim e não. Embora identifique um conjunto de deveres diferenciados entre os dois registos de actuação, o conjunto de compromissos, sobretudo os compromissos morais, são comuns. Nós na escola também tentamos respeitar e valorizar cada pessoa e como mediadora TCA é essa também a minha preocupação, seja com os alunos, com os pais ou com qualquer elemento da comunidade. Mas o que vejo no TCA, e não sei explicar muito bem, é que as educadoras sociais fazem isso de modo diferente, elas não só acolhem e atendem bem, mas conseguem ir ter com as pessoas, mesmo as mais «difíceis», de uma maneira que nós não conseguimos.



Rui Amado

Como disse, a mais valia/diferença destes profissionais é que são formados para lidar especificamente com as problemáticas inerentes às pessoas e populações em situações de vida complicadas e numa perspectiva não-assistencialista, orientada para a mudança e transformação positiva. De facto, no seu quotidiano, o educador social, mais do que planear, planificar e cumprir as calendarizações, tem um papel imprescindível na escuta e na observação atenta do que o educando diz e executa. Muitas vezes o que o educando necessita é de alguém que lhe dê atenção, perceba as suas inquietações e dúvidas não para receber uma solução, mas para sentir que alguém acredita no seu potencial, dando-lhe sentido.

Dirigindo esta pergunta a todos, que aspectos comuns encontram entre a actividade dos educadores sociais e a de outros profissionais?

Maria Ferreira

O primeiro aspecto que nos distingue é o carácter sócio-pedagógico das intervenções. O segundo aspecto prende-se com o facto de a educação social se equacionar no âmbito da pedagogia social, o que permite situar a nossa conduta noutra filosofia de acção. Os educadores sociais tentam despertar as pessoas para novas aprendizagens sociais, para além de trabalharem a auto-estima e a vontade de definir trajectos para o futuro.

O técnico de serviço social, por exemplo, tem uma função mais pautada pelo assistencialismo. O educador social assume uma intencionalidade pedagógica muito marcada por valores humanistas e pauta a sua acção pelas mais diversas estratégias de mediação.

Sofia Rodrigues

A minha experiência está muito marcada pelo TCA que é um projecto de pedagogia social onde trabalham muitos outros que partilham as mesmas preocupações sócio-pedagógicas. A nossa tarefa mais específica como educadores sociais está ligada ao atendimento de pessoas e grupos mais «sensíveis» ou menos habituados a entrar nas acções de aprendizagem e formação que propomos. A coordenação do projecto encarrega-nos sobretudo da

atenção especial que é preciso dar a pessoas que, seja por que motivo for, pedem um acompanhamento mais pessoal. Outra das nossas missões é ir directamente ao encontro dessas pessoas que andam mais alheadas da aprendizagem. Mas tudo o que fazemos é em articulação com os outros membros da equipa ou das redes, professores ou outros. No TCA temos até serviços de educação nas escolas, como na escola da Fernanda Cachada, EB23 de S. Romão do Coronado, que actuam as minhas colegas educadoras sociais, Renata Machado e Cindy Ribeiro Vaz.

Maria Guerra

No meu caso, acho que existe uma autoridade pedagógica reconhecida pelos outros profissionais mas que, ao mesmo tempo, me distancia das funções deles. Todavia, nem sempre foi assim, como fui a primeira funcionária da IPSS, inicialmente fazia um pouco de tudo. Com o tempo e também com argumentos certos fui convencendo a entidade empregadora de que quando trabalhamos com as pessoas idosas há aspectos determinantes a ter em conta que vão muito para lá da produção artística do técnico e dos educandos. Ainda mais quando as pessoas se encontram numa situação de vulnerabilidade em que não estão disponíveis para ninguém. Há que fazer um caminho para nos abeirarmos delas, tornando-nos próximos e tentando sentir os seus problemas.

Por outro lado, há que transformar o espaço, ou os ambientes de trabalho, num local com diversos cheiros e rostos onde cada um faz voar a sua singularidade. Há que transmitir-lhes confiança de modo a que aceitem da melhor forma o processo de envelhecimento e outros factores determinantes. Há que envolver as famílias em todas as dinâmicas e não apenas nas “visitas”. Há que despertar a comunidade para a participação. Isto é, há que desenhar com as pessoas um trajecto individual mas também grupal onde todos se sintam únicos. E claro... isto não é fácil. Porém, possível!

Rui Amado

Reconheço como valores comuns a perspectiva humanista de encarar a realidade social; uma perspectiva profissional fundada nos direitos, valores e dignidade da pessoa humana e uma perspectiva de encarar o trabalho social como uma prática interprofissional. Como valores diferentes, reconheço a



educação social como uma ciência humana essencialmente virada para uma prática profissional enquadrada na área do trabalho social, enquanto a antropologia tende a ser mais uma ciência humana de produção de teoria sobre as especificidades sociais e culturais das populações e sociedades humanas e, neste sentido, ser uma ciência que tem uma maior abrangência no seu campo de estudo e prática profissional.

Fernanda Cachada

A educação sempre foi, para mim, uma paixão que se traduzia no acto de «ensinar coisas», de ajudar os alunos a serem um pouco mais, sobretudo na sua capacidade crítica sustentada num raciocínio bem elaborado e fundamentado no conhecimento. Sempre associei a educação aos professores, domínio exclusivo daqueles que aprendem a ensinar. Agora no TCA descobri outros educadores. Muito concretamente, a actividade profissional dos educadores sociais ganhou aos meus olhos pertinência e sentido, não beliscando as competências e as funções dos professores. Acho até que os educadores sociais podem ajudar muito os professores e a contribuir de modo decisivo para melhorar a educação, seja dentro da escola e fora dela.

2) Prática profissional – problemas e desafios

Tomando como referência o que conhecem da situação portuguesa, na vossa perspectiva quais são os maiores constrangimentos e desafios que a profissão de educador social enfrenta actualmente? Ou, quais acham que são as dificuldades mais sentidas pelos profissionais?

Sofia Rodrigues

Os meus maiores constrangimentos são o tempo e a dificuldade em encontrar resposta imediata e adequada às solicitações e expectativas das pessoas que vêm ao nosso encontro. Apesar de todo o apoio que recebo da coordenação TCA, tenho dificuldade em gerir o meu tempo e as minhas ansiedades.

No dia a dia deste projecto de intervenção comunitária deparo-me também com processos de acção muito estandardizados e sujeitos a directrizes político-



-económicas. As pessoas que aparecem nos Centros TCA e que tentamos encaminhar para os colegas de outras instituições e de outros projectos, muitas vezes não «cabem» nas tabelas, nos gráficos, na categorização de «populações» e nos regulamentos que eles têm que respeitar. Com muita conversa e mediação, conseguimos ultrapassar estes obstáculos, mas normalmente é á custa da boa vontade dos técnicos que nos atendem e que tentam «dar a volta» ao sistema. Outro problema que acho que é comum a todos os que trabalham nesta área é o financiamento dos projectos e a estabilidade salarial. Isso afecta muito a nossa motivação.

Maria Guerra

Vejo como grande problema e desafio a formação. Confesso que, inicialmente estava apenas treinada/preparada para a tarefa que me entregaram na valência ATL. Mas como a intervenção sócio-pedagógica não se faz sem ser através da “sensibilidade e bom senso”, rapidamente percebi que teria que fazer uma especialização que me permitisse reflectir sobre a minha prática e que ajudasse a lançar-me em novos rumos. Encontrei o que precisava aqui na UCP e na formação em pedagogia social, disciplina que, estranhamente, não tinha tido na licenciatura. Digo estranhamente porque agora vejo que, de facto, sem noções de pedagogia social é difícil entender a nossa actividade como educadores. Hoje, sinto-me mais segura na minha intervenção e com mais maturidade profissional, assumindo a prática de relação e de mediação social como os principais propulsores do meu trabalho. Mas penso que são necessários mais encontros e espaços de formação onde os educadores sociais possam partilhar ideias, problemas, saberes e experiências.

Maria Ferreira

Para mim o maior desafio é ser capaz de identificar as potencialidades dos indivíduos capacitando-os de modo a serem autónomos e responsáveis. É nesta óptica que o educador social consegue fazer com que o educando seja o protagonista do seu processo de mudança. Isto é um grande desafio.

A maior dificuldade é conseguir transmitir estas ideias aos outros técnicos, de forma a aceitarem e a entenderem a nossa maneira específica de trabalhar.



Rui Amado

O grande desafio da educação social em Portugal é o da afirmação da sua identidade científica e profissional no âmbito do trabalho social. Esta afirmação deve ser, sobretudo, em relação a outras áreas e disciplinas do trabalho social, nomeadamente, o serviço social, mas, não numa perspectiva de se impor como alternativa, mas sim para trabalhar em complementaridade, numa perspectiva de trabalho em conjunto e de união de esforços para tornar o trabalho social mais reconhecido, com técnicos e profissionais altamente qualificados e competentes, e para, em última instância, ajudar a promover as mudanças sociais tão necessárias a um país com cerca de dois milhões de pessoas a viver na ameaça de pobreza eminente.

Fernanda Cachada

Usando de alguma franqueza e confessando desde já a minha ignorância, assumo que não posso generalizar a partir da minha experiência, mas penso que o grande desafio dos educadores sociais se prende com o conhecimento e reconhecimento da sua profissão. Até ao momento em que comecei a trabalhar no TCA como mediadora e que integrei uma equipa com educadores sociais, não sabia nada dessa profissão.

3) Valorização e reconhecimento socioprofissional

Atendendo à forma como identificaram a questão do reconhecimento socioprofissional como um dos problemas ou constrangimentos na actividade dos educadores sociais, pedimos que falem um pouco mais sobre isso. O que, na vossa perspectiva, poderia ser feito no sentido de melhorar a situação?

Maria Guerra

Penso que temos que fazer um esforço conjunto. Temos uma identidade profissional ainda jovem; trabalhamos em contextos partilhados por muitos profissionais e possuímos competências próprias. Apesar de todas as contrariedades, trabalhamos diariamente na construção de uma sociedade mais justa onde existe lugar para todos e penso que é sobretudo a nós, educadores sociais, que cabe o grande esforço de conseguir reconhecimento.



Graças ao trabalho que venho desenvolvendo na IPSS, pessoalmente, sinto que o meu trabalho é reconhecido. Tanto as pessoas que servimos como os meus colegas de equipa reconhecem as competências (ao nível do saber fazer, ser e estar) que impõem um cunho à profissão que eu tento honrar.

Maria Ferreira

A questão do reconhecimento é bastante complicada, por dois motivos. Por um lado, a própria comunidade profissional está a passar por momentos de crise de identidade. O facto de ainda não se ter conseguido afirmar perante as entidades competentes a um nível salarial e de competências específicas, não ajuda. Não temos ainda um estatuto regulador da profissão.

Por outro lado, concordo que têm de ser os próprios profissionais nos seus locais de trabalho, através das suas intervenções, projectos e convicções a definir a categoria profissional de uma forma precisa e clara.

Sofia Rodrigues

Eu tenho uma experiência privilegiada, em todos os sentidos. Sobreretudo ao nível do respeito e do acompanhamento pedagógico da minha actividade. Sinto-me apoiada, respeitada e reconhecida. Mas tenho consciência de que a realidade do trabalho social em Portugal não é essa.

Ultrapassar os constrangimentos ligados às questões logístico-financeiras e à padronização de mecanismos de acção será o maior desafio do técnico de Educação Social, mas também dos outros colegas que, com ele, trabalham as questões que envolvem as situações de maior vulnerabilidade social.

Fernanda Cachada

A este respeito só posso reafirmar o que já disse sobre a necessidade de maior conhecimento desta profissão que, baseando-me na experiência de trabalho com as colegas do TCA, reconheço como muito importante.

Sustentada numa prática diária, a minha percepção é de que todos os que lidam comos educadores sociais, aprendentes, colegas de equipa e entidades promotoras/empregadoras, reconhecem e valorizam muito o trabalho deles. Aliás, tenho mesmo a certeza disso. O que é preciso é alargar esta percepção e o conhecimento desta realidade, divulgando mais o que os educadores sociais fazem.



Rui Amado

Pelo que conheço, considero que os educadores sociais são respeitados pelas suas entidades empregadoras, membros das suas equipas, educandos/utentes e outros profissionais como são os diversos técnicos e profissionais da área do trabalho social. Considero ainda que a educação social está perfeitamente reconhecida e validada enquanto área científica e profissional entre as diversas disciplinas das Ciências Sociais e Humanas.

Todavia, há muito caminho a fazer pelos próprios profissionais. Apesar das qualificações e competências técnicas e científicas adquiridas na sua formação, não basta aos educadores sociais dominarem os conhecimentos, teorias, conceitos, práticas, etc. adquiridos na sua formação universitária, nos seus estágios, etc. Penso que o educador social deve ser, ele mesmo, um humanista, e basear a sua própria vida nos valores da dignidade da pessoa e da vida humana. Pois, de outra forma, corremos o risco de ter profissionais bastante qualificados, com o perfeito domínio das práticas e teorias do trabalho social, mas sem a “alma” e o “coração” que fazem olhar para o outro como um seu verdadeiramente igual. Esta é a questão mais difícil, pois, exige um conhecimento de si mesmo bastante grande, uma capacidade de autocritica permanente e disponibilidade para aprender mais com os outros, de melhorar sempre, de estar receptivo à mudança, à dos outros mas também à sua própria mudança pessoal.

Muito obrigada a todos. É grande a responsabilidade que nos confiaram, a de tentar transformar em texto o conjunto de testemunhos de uma reflexão tão rica e partilhada como foi esta.

Julgamos que estamos todos de acordo, os tempos e os espaços desta discussão acabaram por funcionar como mais uma das nossas dinâmicas de formação-acção. Nesse sentido, da nossa parte, o maior compromisso será o de procurar dar seguimento, em termos científicos e académicos, a muitas das preocupações e desejos que manifestaram, sobretudo no que se refere às exigências de maior preparação técnica e valorização socioprofissional.

Reflexões finais

Confirmando muitas das constatações feitas nos últimos anos, concretamente no acompanhamento das equipas de projecto que actuam sob a supervisão da FEP/UCP, podemos dizer que o processo de discussão informal aqui relatado evidenciou o embaraço que os técnicos de intervenção sócio-educativa experimentam com frequência quando se trata de verbalizar o seu «saber ser e saber fazer». Mas, como muito bem notou Jean Brichaux (2001) a propósito das profissões sociais, esta dificuldade em precisar em que consiste exactamente a sua função não nos autoriza a concluir sobre a inexistência de um saber específico. Por outro lado, e ainda com o mesmo autor, há que admitir que definir um determinado território de intervenção teórico-prática é uma coisa, convencer a sociedade da sua pertinência é outra.

No essencial, o que fica dito contribui para reforçar a convicção comum quanto ao sentido e valor deste espaço de autoridade profissional, sobretudo num contexto de sociedade educativa. Tanto do ponto de vista individual como colectivo, alguns dos passos que reconhecemos necessários dar na direcção de uma maior valorização socioprofissional surgiram apontados pelos próprios intervenientes, desde os imperativos de formação inicial e continua, passando pela promoção de escrita profissional, pela necessidade de espaços de debate e divulgação pública e indo até às exigências de natureza ético-profissional que começam na consciência de cada um.

Estas preocupações estão muito presentes nas nossas dinâmicas de formação-acção, onde a educação social surge como domínio de eleição dentro do universo vasto e multifacetado da pedagogia social. Neste aspecto, registamos com apreço a forma como todos os participantes se reconheceram nos valores que classificam de «proximidade humana» e que, a nosso ver, constitui condição obrigatória de uma «cidadania social», de acordo com a noção proposta por Rosanvallon e desenvolvida por outros sociólogos contemporâneos que nos lembram que a «solidariedade» é um valor e não uma técnica, sendo, portanto, irredutível aos mecanismos de «segurança social» que alegadamente a servem. Falar em «social» não é, de facto, o mesmo que falar em «exclusão social».

Esta «marca» de «proximidade humana» ligada a um humanismo relacional, onde a centralidade da Pessoa e a importância dos laços de solidariedade social

se impõem em toda a sua grandeza cívica, corresponde ao «ethos» da pedagogia social, tal como vem sendo trabalhada no seio da FEP/UCP. Reafirmamos, neste sentido, o compromisso em relação ao processo de desenvolvimento profissional dos educadores sociais.

Bibliografia recomendada

BANKS, Sarah (org). 2003. *Teaching Ethics for the Social Professions*. ESEP/FESET.

BRICHAUX, Jean. 2001. *L'éducateur spécialisé en question(s). La professionnalisation d e l'activité socio-éducative*. Éditions Éres. Ramonville Saint-Agne.

CASTEL, Robert. 1995. *Les Métamorphoses de la question sociale*. Éditions Fayard. Paris.

CAPUL, Maurice; LEMAY, Michel. 2003. *Da Educação à Intervenção Social*. Porto Editora, Porto.

CARNEIRO, Roberto. 2001. *Fundamentos da Educação e da Aprendizagem*. Fundação Manuel Leão. Vila Nova de Gaia

CARVALHO, Adalberto; BAPTISTA, Isabel. 2004. *Educação Social, Fundamentos e Estratégias*. Porto Editora

GARCIA MOLINA, José (org.). 2003. *De nuevo, la Educación Social*. Dykinson, Madrid.

NUNEZ, Violeta (org.). 2002. *La educación en tiempos de incertidumbre: las apuestas de la Pedagogía Social*. Editorial Gedisa. Barcelona

SANICOLA, Lia (org.). 1994. *L'Interventions de réseaux*. Bayard Éditions. Paris

RAVON, Bertrand, ION, Jacques. 2005. *Les travailleurs sociaux*. La Découverte. Paris.

ROSANVALLON, Pierre. 1995. *La nouvelle question sociale*. Seuil. Paris

VÁRIOS. Cadernos de Pedagogia Social. UCP Editora.